



Memórias das sensações: experiências do duplo na poesia de Sebastião Uchoa Leite

Paulo Andrade¹
UNESP/ ASSIS
p.andrade@unesp.assis.br

Resumo: O livro *A Regra Secreta* (2002), de Sebastião Uchoa Leite é composto por uma série de poemas autobiográficos, nos quais o eu lírico transita entre observador da realidade e de si próprio, num jogo de auto-espionagem. Os problemas de saúde enfrentados pelo autor encontram-se aqui dramatizados com humor e ironia, sobretudo nos dez poemas que compõem a série “Memórias das sensações”, e de “Dentro e fora da UTI”. A linguagem utilizada em obras anteriores para encenar a experiência-limite entre vida e morte amplia-se em tessitura poética. As imagens que tematizam a proximidade da morte impõem-se já em *A uma incógnita* (1991), aprofundam-se em *A ficção vida* (1993), mas se ampliam em *A regra secreta* (2002), ganhando outras focalizações ao refletir sobre a experiência da doença. A auto-observação, como um duplo, idêntico e diferente de si mesmo, é a questão central neste livro de Uchoa Leite.

Palavras chave: Duplo - Autobiografia - Doença - Sebastião Uchoa Leite - Poesia brasileira contemporânea

Abstract: The book *A Regra Secreta* (2002), written by Sebastião Uchoa Leite, consists of a series of autobiographical poems, in which the lyrical moves between reality and himself observer, in a game of self-espionage. The health problems faced by the author are here dramatized with humor and irony, especially in the ten poems that compose the series “*Memórias das sensações*”, and “*Dentro e fora da UTI*”. The language used in previous works to stage the experience limit between life and death extends into poetic fabric. The images that theme the proximity of death are imposed already in “*A uma incognita*” (1991), they go deeper into “*A ficção da vida*” (1993), but are magnified in “*A regra secreta*” (2002), earning other focalizations to reflect on the disease’s experience. Self-observation, as a double, identical and different from oneself, is the central subject in this Uchoa Leite’s book.

Keywords: Double - Autobiography - Disease - Sebastião Uchoa Leite -

¹ **Paulo Andrade** Possui Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Atualmente é professor do Departamento de Literatura da UNESP, campus de Assis. Tem experiência em Teoria Literária e Literatura Brasileira, atuando nos seguintes temas: poesia brasileira contemporânea, tradição modernista, relações entre lírica e sociedade. É autor do livro *Torquato Neto: uma poética de estilhaços* (Annablume/Fapesp), além de vários ensaios em revistas especializadas sobre literatura contemporânea.



Contemporary Brazilian poetry

A cada novo livro, Sebastião Uchoa Leite foi configurando uma poética singular no cenário da poesia brasileira contemporânea. É preciso evocar aqui o volume *Obra em dobras* (1988), que reúne seis livros produzidos entre 1960 e 1980, cujo título é emblemático e revelador do plano de escrita que o poeta persegue com sua notável consciência crítica.. Se o termo *obra* remete-nos a unidade e continuidade do trabalho do artista, sugerindo identidade dos traços singulares de sua produção, *dobras* sinaliza os desdobramentos realizados dentro da unidade. No conjunto, os poemas se constroem como contínuo desdobrar-se, um permanente transformar-se em espiral, de uma escrita marcada pela reflexividade, auto-referencialidade e reflexão crítica.

A *regra secreta*, última obra poética publicada em vida, vem confirmar a idéia da escrita em espiral, a cada volume: uma escritura marcada por desdobramentos de certas obsessões que configuram sua linhagem. Tal estratégia fica evidente não só com a “mistura adúltera de tudo” (“*mélange adultère de tout*”) corbiereana, decorrente do contínuo jogo de apropriação textual, mas, em especial, quando o poeta revisita e apropria-se de versos, imagens e reflexões dos livros anteriores, como de referências culturais, filmes, músicas e quadros.

O modo como elabora a construção do sujeito lírico, a olhar de viés o mundo, aproximando-se e distanciando-se dele, graças ao efeito da ironia e do humor, é um tema dominante na poesia de Sebastião, mas a sua configuração e forma de problematização sofrem desdobramentos ao longo de sua obra. Há rastros que permanecem de um livro para outro, demonstrando a obsessão por certo modo de ver que dá coerência interna a sua obra, fazendo dela o grande texto e permitindo um movimento circular de leitura entre o presente e o passado.

É possível pensar o olhar, na poesia de Sebastião Uchoa Leite, por no mínimo, por três ângulos: no modo como o poeta olha a si mesmo, a realidade imediata e a tradição, dentro destes três aspectos os temas e motivos

III Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | Abril de 2013

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios de Literatura y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / FHyA - UNR | Centro Cultural Parque de España / AECID

recorrentes são figurativizados de modos muito semelhantes, para a realização de um projeto poético que incorpora o descentramento do eu lírico no processo de criação, imprimindo, em seus versos, as marcas do deslocamento do “eu”. Nesta breve exposição, abordaremos, a recorrência de poemas autobiográficos, nos quais o eu lírico transita entre observador da realidade e de si próprio, num jogo incessante de auto-espionagem.

Em livros mais recente como *A regra Secreta* a experiência de doença vivenciada pelo poeta encontra-se dramatizada, com humor e ironia, sobretudo nos dez poemas que compõem a série “Memórias das sensações”, e de “Dentro e fora da UTI”. A linguagem utilizada em obras anteriores para encenar a experiência-limite de duplicidade vida/morte amplia-se em tessitura poética. As imagens que tematizam a proximidade da morte impõem-se já em *A uma incógnita*, aprofundam-se em *A ficção vida*, mas que se amplia e desdobra-se em *A regra secreta*, ganhando outras focalizações ao refletir sobre a experiência da doença. A auto-observação, como um duplo, idêntico e diferente de si mesmo, é a questão central neste livro de Uchoa Leite.

A partir de *Antilogia* fica mais nítido o olhar voltado para si mesmo, mas que se distingue da expressividade centralizadora e subjetivista dos poetas dos anos 70. O eu, agora problematizado, explora um permanente jogo de ambigüidades, como se pode ler em “Metassombro”:

eu não sou eu
nem o meu reflexo
especulo-me na meia sombra
que é meta de claridade
distorço-me de intermédio
estou fora de foco
atrás de minha voz
perdi todo o discurso
minha língua é ofídica
minha figura é a elipse (132)

Estamos diante de uma estranha contemplação narcísica. Se o “reflexo é ao mesmo tempo uma identidade confirmada (pelo reconhecimento) e uma identidade roubada, portanto contestada (pela própria imagem)”, como o afirma



Gennette (25), o oxímoro do verso de abertura já contesta tanto a identidade quanto seu reflexo, que já em si um tema equívoco. Temos aqui um *duplo* que não é o mesmo nem o *outro*.

Podemos entender o verbo especular tanto no sentido daquele que olha para dentro, como auto investigação, quanto no sentido de *especulo* —espelho—, daquele que olha para fora, em busca de sua imagem. Tomado no segundo sentido, a sua superfície está longe de ser diáfana, já que a imagem refletida marca uma presença à “meia sombra”. Desse modo, o espelho, motivo tão explorado na tradição romântica, decadentista e mesmo modernista, não funciona, nos versos de Sebastião Uchoa Leite, como metáfora de autoconhecimento ou como instrumento de revelação de alguma verdade relativa ao ser.

O eu lírico de “Metassombro” constitui-se como identidade problemática e paradoxal. As ambigüidades proliferam nos jogos de significantes: não se sabe se é “é meta de claridade”, um eu que tem na iluminação um alvo a ser atingido (“meta de”) ou um eu que se posiciona entre a luz e a sombra, (“metade”) claridade. Seja qual for a opção interpretativa do leitor, permanece a elipse do eu.

A língua ofídica, expandida em seu campo semântico, alcança sentidos como discurso, linguagem, enfatizando o enigmático, a sinuosidade, o imprevisível, bem como a hostilidade contra o *outro* (o leitor?) e, contra si mesmo. Esses termos ajustam-se à identidade do “eu” desfocado, que funciona como causa motriz da poesia de Uchoa Leite, com seus recursos de ocultamentos e disfarces, que se sucedem e se multiplicam, remetendo à problematização dos limites entre o real e o imaginário, que também está engendradora na discussão sobre a identidade e o duplo. Daí que o oxímoro, enquanto figura de negação de um dos termos, seja recorrente em sua obra.

Este olhar para dentro, como um duplo obsessivamente interrogativo também transpassa a produção mais recente, como o poema “Numa suíte de hotel”, de *A uma incógnita* cujo jogo de multiplicação do próprio reflexo faz o eu perder a referência.



O espelho da *toilette*
Reverte a imagem
No espelho-olho
Da porta
Em múltiplos labirínticos
De auto-espionagem
Je est un autre (64).

As imagens fraturadas constroem um intercambiante trânsito de fora para dentro e de dentro para fora, embaralhando objetivo e subjetivo. A observação deste estranho jogo de imagens em abismo tipo “eu olho o meu olho que me olha” chega a seu fim com a epifânica conclusão: “*Je est un autre*”.

A duplicidade é retomada na narrativa 9 “eu em p/b” da série “Memórias das Sensações”, de *A regra secreta*:

é estranho olhar-se no passado e ver a vida transcorrer numa versão silenciosa e p/b. não sou mais o sujeito da ação, mas agora o objeto de observação sendo analisado. a vida está cristalizada, o tempo em ação morta, os gestos para sempre fixados em seu movimento e nada pode ser mudado ad infinitum. eu não sou eu nem sou o outro, sou e não sou, mas sou. o engano é real e o tempo é inexorável.
(20)

A consciência aguda flagra a desintegração da própria subjetividade ao contemplar-se num vídeo e reconhecer uma autonomia de sua imagem. É sua repetição e diferença.

A partir de *A uma incógnita*, livro que cobre a produção de 1989/1990, a auto espionagem se volta também para registros da internação do poeta², tema que se impõe em *A ficção vida* e se desdobra em *A regra secreta*. Em *A ficção*

² O e-mail que Sebastião Uchoa Leite enviou ao autor deste trabalho, em 07 de dezembro de 2002, confirma o impacto que os problemas com saúde tiveram sobre sua produção poética: “a doença teve infelizmente um grande espaço na minha complicada vida e então, sobretudo a partir de 1989 e dos anos 90 (...) ocupa um espaço na minha poesia também” (...). Senão vejamos os problemas a partir de *A uma incógnita* (internação por doença cardíaca e outras coisas em 89) de *A ficção vida* (internação em 91 por grave hemorragia): até “saí do ar” durante 5 dias, “morri”, quer dizer, sofri uma parada cardíaca, e “ressuscitei”.



vida, contrariando o título do livro, a morte é que ganha o *status* ficcional, meio a um ponto de vista esquivo e irônico:

Penso em meu pequeno fim
Ouvirei zumbidos?
Sugado pela zona de vácuo?
Ou zero-corpo
Polidimensional
Subindo ao teto
Espiondo-me de cima
Os outros em torno (11)

Nota-se uma forte coerência de continuidade do projeto crítico entre os escritos autobiográficos e os poemas que tematizam a questão do duplo, já que nos poemas autobiográficos, o jogo de duplicidade é uma constante. *Voyeur* de si mesmo, o eu se desloca do centro irradiador da enunciação para a margem, onde, numa perspectiva de retrospectiva, relata episódios relacionados à própria experiência.

Mas o sujeito autobiografado é ficcionalizado. No nível discursivo circula alusões de toda ordem e as memórias das sensações são entrecortadas por intervenções irônicas que bloqueiam revelações ou cumplicidades com o leitor. O relato vagueia por zonas de imprecisão e perplexidade, não há concessões para a decifração da floresta de signos, mas há promessa de saída, afinal “Tudo é desatável”, desde que haja “atenção paciente”.

A série *Incertezas*, de *Ficção Vida* é composta por breves cenas: o caminho para o hospital, o estado de coma, o despertar da consciência, as reflexões sobre a condição física, as visitas: o sobrinho, as irmãs, a recuperação.

No poema 1, “Numa incerta noite”, o poeta registra impressões logo após sofrer uma hemorragia. Nesta cena de abertura rememora o trajeto da casa para o hospital, no banco de trás do carro do seu médico:

Calculo as ruas que atravesso
Vendo a copa das árvores
Guiado pelas folhagens



Profusamente imerso
Na vertigem inversa
Da hemorragia verde
Do ciclópico olho vegetal
Que me contempla (15)

A vertigem funde-se com a visão da imagem das árvores em movimento, a “hemorragia verde”. O eu desloca-se do foco central e expõe a cena como uma “vertigem inversa”, a paisagem em movimento é quem ~~o~~ *o* “ciclópico olho vegetal”

A intenação, a imaginação e as referências convergem para o mesmo espaço da poesia, transformando a referência central – a experiência da doença – em secundária e as secundárias em dominantes, como forma de desdramatizar a experiência, transformando-a em textualidade. Neste olhar para si não há auto-avaliações que nos remete a significados profundos, balanços, nem alumbramentos. A língua ferina abdica de qualquer dimensão metafísica da realidade ou possibilidade de transcendência.

A pantera tensa

Poesia construída sobre o signo da visualidade, o eu desdobra-se: ora reflete sobre a experiência do que vê, ora se fixa na observação crítica da realidade, mas visão e reflexão crítica estão sempre interligadas. Daí a assertiva certa de João Alexandre Barbosa- “O poeta -espião espreita o mundo”. O poema “Outra nietzscheana”, de *A uma incógnita* é bom exemplo: desse olhar que faz conjectura do que vê:

A tensa pantera
Não salta
Porque pensa
Assim Eros
Não dispensa
Agarra
O que à garra
Compensa (11)

III Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | Abril de 2013

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios de Literatura y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / FHyA - UNR | Centro Cultural Parque de España / AECID

É da observação crítica de si mesmo e do real que advêm as imagens do detetive, do espião, desdobrado aqui na pantera concentrada e atenta, cuja tensão impede de agir, ao contrário da pura energia pulsional de Eros. Perscrutando o cotidiano urbano, o poeta faz do arsenal de cenas rastreadas a matéria-prima para o seu laboratório, de onde destila seu veneno crítico, com acentuada conotação política, mas que se realiza como sátira contida, implosiva, muitas vezes em referências dispersas.

Fascinado pelo lado de fora, o observador destila seu purgatório crítico, como em “Vida vagalume”:

De dentro da janela
Sou-eu
Pedra de idéias fixas
Consciência ardósia
Lá é o fogo-fátuo
Paradiso brilhos
Cá é o teatro laboratório
Aqui é o Não ó Parcas (61)

Sebastião é um poeta que olha para se ver olhar. O olhar armado, “pedra de idéias fixas”, o pensamento extático (“consciência ardósia”) o aproxima das lições cabralinas de “Educação pela pedra”: uma aprendizagem do poético pela materialidade (“sua carnadura concreta”), pela concisão, pela visualidade (“de fora para dentro”), pelo antilirismo (“captar sua voz inefática, impessoal”), mas se a lírica de Cabral foi depurada no Sertão, as lições de Uchoa Leite, ainda que vocacionado “para a concretude matricial de pedra pernambucana”, como diz Haroldo de Campos (2000), busca soluções bem diferentes.

Sempre disposto ao flagrante, o *voyeur* mira a luminosidade das ruas, o jardim das delícias, o “paradiso brilhos”, a fim de captar *flashes* da “Vida vagalume”: fulgor intenso e efêmero, “lá é o fogo-fátuo”. O cenário externo é encenado no seu “laboratório” verbal. Afinal, olhar não é apenas dirigir os olhos para perceber o “real” fora de nós, mas, como diz Marilena Chauí, é, “ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si” (33).

III Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | Abril de 2013

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios de Literatura y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / FHyA - UNR | Centro Cultural Parque de España / AECID

O olhar discreto busca o distanciamento para flagrar os aspectos da realidade. E neste “teatro laboratório”, não há espaço para um *deus ex-machina*. Se às três fiandeiras do Hades competiam fiar, enrolar e cortar o fio da vida, quer dizer, possuíam o poder sobre a vida e a morte, no espaço do poema elas não reinam, nem predeterminam nada. Nesta oficina de criação, que tem na exterioridade o ponto de partida, não há vida prefixada e as portas estão definitivamente fechadas para os mitos: “aqui é o Não ó Parcas”. Tal atitude de recusa reverbera em toda a poesia de Uchoa Leite, seja enquanto tensa pantera, vampiro, serpente ou Cérbero.

Bibliografia

Arriguicci Jr., Davi. “O guardador de segredos”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 jun. 2000. *Jornal de Resenhas*, p. 1-2.

Barbosa, João Alexandre. “Orelha do livro de Sebastião Uchoa Leite”. *Obra em dobras* (1960- 1988). São Paulo: Duas Cidade, 1988.

Chauí, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In NOVAES, Aduino (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 31-64.

Campos, Haroldo de. “Orelha”. In: *A espreita*. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Signos, 27).

Genette. Gerard. “Complexo de Narciso”. In:____. *Figuras*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 23-30.

Leite, Sebastião Uchoa Leite. *Obra em dobras* (1960 – 1988). São Paulo: Duas Cidades, 1988a. (Claro Enigma).

----- *A uma incógnita*. São Paulo: Iluminuras, 1991a.

----- *A ficção vida*. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1993.

----- *A espreita*. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Signos, 27).

----- *A regra secreta*. São Paulo: Landy, 2002. (Col. Alguidar).